

# Renamo irá respeitar compromissos assumidos

— garante Afonso Dhlakama

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, comprometeu-se ontem a respeitar o Acordo Geral de Paz assinado entre o seu movimento e o Governo de Moçambique. Dhlakama falava em Roma momentos após a cerimónia de assinatura do referido acordo, que põe termo a mais de 15 anos de luta entre aquele movimento e o Governo do nosso país. De seguida, passamos a transcrever na íntegra o discurso do líder da Renamo proferido no acto de celebração do acordo:

• Excelentíssimo Senhor:  
— Emilio Colombo, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República italiana  
• Excelentíssimos Senhores:  
— Quett Masire, Presidente da República do Botswana  
— Robert Mugabe, Presidente da República do Zimbabwe  
— Dr. George Saitoti, Vice-Presidente da República do Quénia

• Senhor John Thembo, Ministro do Estado malawiano  
• Meu caro e estimado irmão Joaquim Alberto Chissano, Presidente de Moçambique  
• Ilustres e distintos mediadores:  
— Mário Raffaelli, representante do Governo italiano e coordenador dos mediadores  
— D. Jaime Gonçalves, Arcebispo da Beira  
— Prof. André Ricard,  
— D. Mateus Zuppi, da Comunidade de S. Egidio  
• Excelentíssimos Senhores representantes dos observadores:  
— James Jonah, Secretário-Geral Adjunto das Nações Unidas  
— Subsecretário do Estado, Herman Cohen pelo Governo dos Estados Unidos da América  
— Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Dr. José Manuel Durão Barroso — pelo Governo de Portugal  
— Embaixador do Reino Unido  
Minhas Senhoras  
Meus Senhores:

Hoje é um dia grande para o povo e para a pátria moçambicana.

Dia em que oficialmente põe termo às hostilidades entre a Renamo e a Frelimo.

Queremos, portanto, dirigir algumas palavras àqueles que tombaram neste acontecimento possível. Lembramos, em primeiro lugar, os nossos irmãos mortos, todos moçambicanos combatentes ou não combatentes, de um lado ou de outro lado, caídos nesta luta fratricida.

Que o sangue não tenha sido derramado em vão e que sobre o seu sacrifício, que venha a haver, a partir

de agora, uma nação renovada e reconciliada. Lembramos também todo o nosso povo sofredor que nas cidades, nas matas esperou, tão ansiosamente, por este dia. É para eles, sobretudo, para os mais jovens, que dirigimos a nossa mensagem de esperança.

Vamos começar de novo, vamos trabalhar para reconstruir o país. Uma palavra especial para os países, instituições e mediadores que pacientemente, generosamente acolheram os moçambicanos em desacordo e os auxiliaram, no seu esforço de reconciliação. Italianos, portugueses, ingleses, americanos, mas também os nossos irmãos da África, Quénia, Botswana, Zimbabwe, Malawi e personalidades que directamente ou indirectamente contribuíram para a concretização deste evento.

Também para o Presidente Chissano e ao Governo da Frelimo queremos dizer, muito claramente, que não há rancor, que a partir de agora, a regra de confiança dominará as nossas relações. A luta armada será substituída pela luta política e democrática. O povo escolherá aquele que entre nós, e outras forças políticas, achar melhor.

Finalmente, também para os nossos companheiros de resistência e de luta, para os homens e mulheres, combatentes da Renamo, uma saudação especial.

Foi graças ao vosso esforço, à vossa disciplina, à vossa coragem que chegamos a este momento. As razões da nossa luta são hoje reconhecidas por todos nós que estamos aqui reunidos. Peço-vos pois que aceiteis a mesma confiança, a mesma disciplina do termo da guerra, à luz das urgentes tarefas de paz e da construção da liberdade em Moçambique.

A África Austral entra num novo círculo de esperança, ao mesmo tempo que os nossos irmãos angolanos escolhem, em eleições livres e justas, o seu Governo, nós moçambicanos pomos termo à luta fratricida.

(CONTINUA NA PÁGINA 3)

# Renamo irá respeitar compromissos assumidos

(CONTINUADO DA 1ª PÁGINA)

O facto de dois países de língua oficial portuguesa, ambos até há pouco governados pelos partidos únicos e por isso em guerra civil, terem escolhido o caminho da democracia e da paz, é muito encorajador e muito significativo para a nossa região.

Que tal acordo de paz, no nosso caso moçambicano, seja aqui assinado em Roma, cabeça do mundo cristão, cidade de tanto significado histórico, é também um sinal positivo.

Os nossos amigos europeus, americanos, africanos, têm os olhos em nós, confiam em nós mas o mais importante de tudo, o povo de Moçambique espera de nós, de uma vez por todas, o fim do seu sofrimento. Não podemos desiludir nem deixar sem resposta, por mais tempo.

Minhas senhoras, meus senhores Convidados, personalidades: Tombaram milhares e milhares de moçambicanos. Pensamos nós que esta data seja um acontecimento muito válido para nós que estamos aqui.

Quero convidar o meu irmão, sua excelência, Presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano, que a Renamo irá respeitar o acordo que acabamos de assinar aqui. O importante para nós, meu irmão é aceitarmos a democracia, liberdade, justiça, defesa pelos direitos humanos.

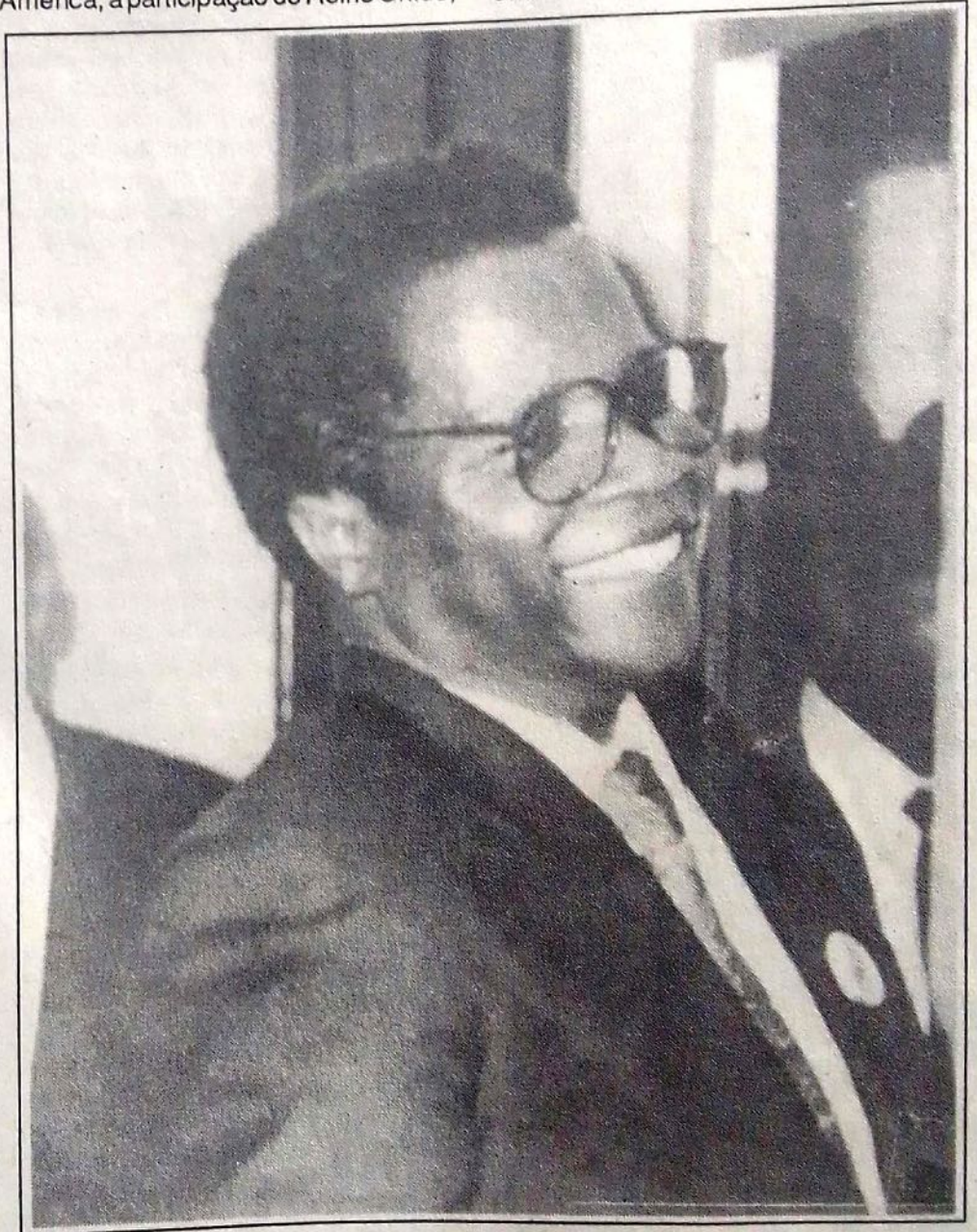
O poder para nós não é muito importante. Vamos acreditar no povo porque se falharmos e perdemos as eleições, vamos aceitar a oposição. Eu quero confessar perante a todos os presentes aqui que a Renamo que eu lidero uma organização que irá respeitar, cumprir com o acordo. Para nós o acordo põe termo aos 15 anos da guerra, por isso moçambicanos que estão aqui presentes, os convidados, os meus amigos americanos, europeus, africanos vieram aqui para testemunhar a este acontecimento.

Sem que prolongue mais, quero agradecer a paciência que os italianos tiveram, dois anos, dois anos de negociações. Impasses e não impasses mas, italianos conseguiram puxar o Ministro Armando Guebuza, o chefe do Departamento da Organização, Raul

Domingos, para uma reconciliação, para um acordo que hoje estamos a testemunhar. Por isso não sei como hei-de agradecer o Governo italiano, mas também não esquecer a participação do Governo português através dos representantes aqui nas negociações, a participação do Governo dos Estados Unidos da América, a participação do Reino Unido,

senhor Durão Barroso, que representa o Governo português, o representante do Governo malawiano, o Senhor Ministro do Estado John Thembo e os demais.

Não vou esquecer os esforços dos nossos irmãos das organizações, nomeadamente as Nações Unidas, que participaram muito também, a OUA embora não tivesse participado



Líder da Renamo, Afonso Dhlakama

a participação da França, de outros inclusive o meu amigo Robert Mugabe que está aqui presente, o Presidente Quett Masire do Botswana, o Presidente Arap Moi, que infelizmente não está aqui presente mas está representado pelo seu Vice-Presidente, está aí o Secretário da Cooperação, o

directamente mas estava informada e hoje está aqui presente e mais outros. Por isso, mais uma vez quero dizer, quero demonstrar a minha satisfação por termos assinado este acordo entre eu e o meu irmão Presidente Joaquim Chissano, portanto meu irmão, muito obrigado e muito obrigado a todos.